

## PLÍNIO-O-MOÇO E A DIMENSÃO MULTIFACETADA DA SUA CORRESPONDÊNCIA

### PLINY THE YOUNGER AND THE MULTIFACETED DIMENSION OF HIS CORRESPONDENCE

Virgínia Soares Pereira\*

virginia.soarespereira@gmail.com

O epistolário de Plínio-o-Moço constitui um legado clássico da maior relevância para o conhecimento do mundo romano de finais do século I e inícios do século II da nossa era. Entre o documental e o literário, as cartas plinianas permitem entrever o seu círculo familiar, político e literário, o seu núcleo de amigos, a sua filantropia, o apego à sua terra natal, a sua intervenção pública como advogado e senador, os seus cuidados como grande proprietário e senhor de escravos, bem como o seu gosto pelos *mirabilia* da natureza e a sua inesgotável curiosidade, além de uma imensa paixão pelos *studia*. Este artigo procurará dar a conhecer um epistológrafo amável e a sua visão multifacetada e amena do mundo circundante.

**Palavras-chave** Plínio-o-Moço. Epistolografia. *Mirabilia* da natureza. Trajano. Bitínia-Ponto

The epistolary of Pliny the Younger constitutes a classical legacy of the greatest relevance for the knowledge of the Roman world of the late 1st and late 2nd centuries of our era. Between documental and literary, the Plinian letters allow us to glimpse his family, political and literary circle, his group of friends, his philanthropy, his attachment to his homeland, his public intervention as a lawyer and senator, his care as a great owner and master of slaves, besides his taste for nature's *mirabilia* and his inexhaustible curiosity, as well as his immense passion for the *studia*. This paper will seek to make known a kind epistolographer and his multifaceted and pleasant view of the surrounding world.

**Keywords** Pliny The Younger. Epistolography. Nature's *mirabilia*. Trajan. Bithinia-Ponto.

•

---

\* CEHUM, Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, Braga, Portugal.  
ORCID: 0000-0001-6031-0527.

## 1. Introdução

*Se puede decir que cada uno escribe la carta como retrato de su propia alma. En cualquier otra forma de composición literaria se puede ver el carácter del escritor, pero en ninguna como en el género epistolar.*  
(Demetrio, *Sobre el Estilo*, § 227)

*C'est un être complexe que Pline le Jeune, un homme et un écrivain à plusieurs faces.*  
(Paul Jal, 1993)

A obra epistolar de Plínio-o-Moço tem sido amplamente analisada como fonte privilegiada de dados para delinear a biografia vivencial e literária do autor e da época em que viveu.<sup>1</sup> Graças a essa correspondência, este autor é um dos epistológrafos do mundo antigo, em especial do mundo romano, que melhor conhecemos ou julgamos conhecer. Como veremos, os estudos sobre as cartas de Plínio, que as exploram, por assim dizer, à lupa, têm evidenciado e posto a nu diversas dimensões e subentendidos que não se coadunam com uma visão linear e simplista do epistológrafo.

Precediam-no os conjuntos epistolográficos de Cícero e Séneca<sup>2</sup>, para não referir as cartas em verso de Horácio e Ovídio, com propósitos e estilos bem distintos e que não deixaram de influenciar quem veio depois, nomeadamente Plínio. É nas suas cartas privadas que centraremos a atenção. Elas permitem uma aproximação ao mundo romano de finais do século I e inícios do século II da era cristã – um mundo percecionado pela urbanidade de um escritor ameno<sup>3</sup> – e constituem um claro reflexo da sua personalidade e das suas circunstâncias familiares, sociais, políticas e culturais. De facto, Plínio teve a felicidade de viver numa época de paz e prosperidade, na segunda parte do séc. I e nos anos iniciais do século II, isto é, nos anos prósperos e pacíficos dos tempos de Nerva e Trajano, que se seguiram aos últimos anos do ‘reinado’ do cruel Domiciano, dominados pelo terror das delações e de perseguições políticas.<sup>4</sup> Excetuados estes tempos de terror,

<sup>1</sup> Plínio-o-Moço (C. Plinius Secundus) nasceu em Como c. 61 e terá morrido em 113, segundo a opinião mais consensual. À parte algumas inscrições, a generalidade da informação sobre a sua vida é fornecida essencialmente pelas suas cartas, num total de 368 epístolas, divididas em nove livros de cartas privadas (em número de 247) e um livro X, de cartas oficiais trocadas com o imperador Trajano, no total de 121 (72 de Plínio e 49 de resposta), quando Plínio exerceu o cargo de procônsul na Bitínia-Ponto. Estas cartas abrangem um leque temporal que vai do ano de 96/97 até 113/14, data provável da morte do procônsul. Sobre Plínio *vd.* Pereira (2000). Quanto ao texto latino das cartas, foram utilizadas as edições francesas Pline le Jeune (1987-92) e (1972). Sobre a epistolografia romana, *vd.* Muñoz Martin (1985) e Antón Martínez (1996).

<sup>2</sup> Da Antiguidade greco-romana chegaram até nós cerca de 15 mil cartas, da mais diversa natureza (Costa 2013, p. 30). Todavia, com exceção das cartas dos Apóstolos e das dos Padres da Igreja, as mais representativas, no mundo romano, são, além das de Plínio, as de Cícero (séc. I a.C.), perto de 900 (dirigidas aos Familiares, a Ático, ao irmão Quinto e a M. Bruto entre outros), e as de Séneca (primeira metade do séc. I d.C.), representado pelas 124 *Cartas a Lucílio*, de teor filosófico-moral.

<sup>3</sup> A amenidade do seu trato e da sua escrita foi atribuída ao facto de Plínio ter sido alguém “a quem a vida sorriu”, como sugestivamente afirmou, um dia, o sempre lembrado Professor Doutor Walter de Medeiros, numa das suas magistrais aulas de Literatura Latina, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

<sup>4</sup> Segundo ele mesmo sugere (7.27.14), consta que terá estado na mira dos esbirros do imperador, um perigo de que só a morte deste o livrou.

sob os quais se desenrolou uma parte da sua carreira política, foi a partir de Nerva e sobretudo a partir de Trajano, de quem Plínio foi amigo e a quem serviu como delegado imperial, que os tempos do epistológrafo se desanuviaram, graças à boa governação e à disponibilidade e abundância de recursos materiais que permitiram melhorar a vida dos cidadãos.<sup>5</sup> A sua correspondência é o reflexo da *felicitas* desses tempos, durante os quais desempenhou cargos do maior relevo político e social. Plínio foi jurista e orador de grande prestígio, senador, grande proprietário, exerceu funções públicas (foi questor, pretor, cônsul, delegado provincial na Ásia Menor), foi curador do leito do Tibre e desempenhou as funções de águere. Em todas as fases da sua vida teve sempre o apoio de eminentes figuras da política e das letras, a começar pela educação propiciada pelo seu tio materno, o grande Plínio, o Naturalista, por mestres como Quintiliano, na retórica, e Eufrates, filósofo estoico, ou pelo convívio com várias figuras notáveis de escritores (Tácito, Suetónio, Marcial, Sílio Itálico, entre muitos outros, no geral desconhecidos) e pelo reconhecimento e amizade do imperador Trajano, que sempre viu nele um homem culto, de múltiplas qualidades e da máxima confiança.

E tudo isto se reflete na correspondência de Plínio. Nas suas cartas entrevemos o seu círculo familiar, político e literário, o seu núcleo de amigos, a sua acção como advogado e senador, os seus cuidados como proprietário de terras e senhor de escravos, o seu gosto pelos *mirabilia* da natureza e a sua inesgotável curiosidade, além da uma imensa paixão pelos *studia*, isto é, pelo trabalho intelectual da leitura e da escrita. Entre o documental e o literário, as cartas oscilam entre a autorrepresentação e a representação literária, social e política do seu tempo. Mas refletem também e sobretudo o *ethos* e a *humanitas* do epistológrafo. De facto, é difícil ler as cartas de Plínio sem reconhecer nelas a sua incondicional amizade, a sua enorme generosidade, a sua extraordinária humanidade. Via tudo com os olhos da sua sensibilidade e do seu coração.<sup>6</sup> Pode abrir-se uma carta ao acaso e sempre se encontra um sinal da sua intrínseca afabilidade. Em carta (7. 28) a Septitius Clarus – o amigo a quem dedicou o seu epistolário –, Plínio justifica-se perante críticas que por vezes lhe eram dirigidas por ser demasiado elogioso para com os seus amigos, pois via-os melhores do que eram na realidade, ainda que nem todos o merecessem, argumentando que para ele a amizade não se discutia:

*Ais quosdam apud te reprehendisse, tamquam amicos meos ex omni occasione ultra modum laudem. Agnosco crimen, amplector etiam. (...) Vt enim non sint tales quales a me praedicantur, ego tamen beatus quod mihi videntur.*

Dizes que certas pessoas do teu círculo me censuraram por sistematicamente elogiar os meus amigos de forma imoderada. Reconheço o erro e, mais do que isso, acalento-o. (...) Eles podem até não ser tal qual os proclamo; por mim, fico feliz por me parecerem assim.<sup>7</sup>

<sup>5</sup> Isto foi possível graças à distribuição de alimentos, em resultado do incremento dado à produção de cereais e à exploração de propriedades agrícolas do estado, e ainda, a partir de 105-106, às remessas de ouro e aos impostos provenientes da conquista da Dácia, conforme Pérez Gómez (1997, p. 653) e Montero *et al.* (s.d., pp. 103–111).

<sup>6</sup> Note-se, contudo, que alguns estudiosos manifestam sérias dúvidas sobre a sinceridade desinteressada de Plínio, como se verá.

<sup>7</sup> As traduções para português são da minha autoria, se não houver referência em contrário.

É sob a perspectiva da amizade, da formação cultural e do *ethos* de Plínio que procurarei refletir sobre o seu epistolário multifacetado.

## 2. Natureza da carta pliniana

São múltiplos os pontos de vista sob os quais se pode olhar o epistolário de Plínio, que tanto é valorizado pela sua componente histórica e documental, quanto pela sua componente retórico-literária, tanto pela sua tonalidade intimista e humana, quanto pelo seu entranhado amor da glória conferida pelas letras, havendo ainda quem sublinhe a sua indisfarçável vaidade nos seus mais diversos domínios. Todas estas facetas oferecem uma imagem do epistológrafo tal como ele desejou que os contemporâneos e a posteridade o vissem. É manifesta a sua estratégia discursiva: dizendo ou omitindo, pretendeu induzir o leitor a vê-lo e a ver o seu tempo sob um olhar benigno, isto é, a formular uma imagem ‘ficcional’, condicionada e melhorada, melhor do que realmente fora o próprio sujeito empírico. De facto, as cartas de Plínio são textos verdadeiramente documentais, mas são igualmente um conjunto de trechos literários dominados pela centralidade do sujeito epistolar, que sempre fala de si.<sup>8</sup> E o seu autor não quis deixar de o assinalar nessa espécie de carta-proémio com que abre a sua coleção epistolar, dirigida ao amigo Septício Claro, na qual afirma que as suas epístolas são *curatius scriptae*, a saber, cartas cuidadosamente (re)elaboradas. Diz ele (1.1):

*C. Plinius Septicio suo s.*

*Frequenter hortatus es ut epistulas, si quas paulo curatius scripsissem, colligerem publicaremque. Collegi non seruato temporis ordine – neque enim historiam componebam –, sed ut quaeque in manus uenerat. Superest ut nec te consilii nec me paeniteat obsequi. Ita enim fiet, ut eas quae adhuc neglectae iacent requiram et si quae addidero non supprimam. Vale.*

G. Plínio a seu amigo Septício saudações

Várias vezes me incentivaste a coligir e a publicar as cartas que escrevi com um pouco mais de cuidado. Coligi-as, sem preocupações de ordenação cronológica (pois não estava a compor uma obra de história), mas à medida que me vinham ter à mão. Resta esperar que não nos venhamos a arrepender, tu, da tua sugestão, e eu, da minha obediência. E assim acontecerá que retome algumas ainda esquecidas e não deixe de parte algumas que venha a acrescentar. Adeus.

Estas palavras, a uma primeira leitura tão claras, não estão isentas de subentendidos e de traços retóricos.<sup>9</sup> Por isso deram aso a um aceso debate em torno da verdadeira

<sup>8</sup> A respeito desta dupla vertente dos estudos sobre o epistolário de Plínio, *vd.* Sherwin-White (1998), que incide na vertente histórico-social, e a obra editada por Gibson & Morello (2003), centrada na vertente artística (de certo modo ‘insincera’) das cartas.

<sup>9</sup> Esta carta recorre a lugares comuns que se encontram já na *Rhetorica ad Herennium*, em Cícero e em Quintiliano e se reencontram em Tácito. *Vd.* Murgía, (1985, pp. 180–181). Como escreveu Lesky (1995, p. 904), a epistolografia era “filha predilecta da retórica, que cultivava as cartas como exercícios de estilo”. Segundo o próprio Plínio, as suas cartas estão bem longe das de Cícero, mas não são *scholasticas ... atque*,

essência das cartas de Plínio chegadas até nós: para uns, elas são cartas verdadeiras, que tiveram origem numa situação concreta, que foram realmente endereçadas aos diversos correspondentes e que, depois de uma seleção cuidadosa, foram ordenadas tematicamente e reunidas em livro para publicação; para outros, as cartas de Plínio são cartas fictícias, nunca enviadas aos seus destinatários, sendo a *epistula* uma forma literária que, pelas suas características, conteúdo vário e funções, servia o propósito do escritor, lhe permitiam tratar de diversos temas, como se de um mosaico se tratasse, aproveitando, ao mesmo tempo, a brevidade característica da forma epistolar, o que lhe permitia também limar a sua escrita segundo normas retórico-estilísticas.<sup>10</sup> A coleção das cartas de Plínio não seguiu uma ordenação cronológica, segundo ele afirma na carta de abertura, como vimos. Mas estudos mais apurados provam que há ordenação cronológica de livro para livro, embora esta não se mantenha dentro de cada livro, no qual o critério estruturador terá sido a *uarietas*, de forma a evitar uma série de cartas do mesmo tipo ou sobre o mesmo tema.<sup>11</sup> Cugusi (1983, pp. 214–215) aventava a hipótese de a falta de datação das cartas plinianas vindas a lume ser o resultado do trabalho de edição, em maior ou menor grau, que prescindiu desse elemento, “il che farebbe pensare ad un processo di rielaborazione di epistole inviate effettivamente” (*idem*, p. 215), contribuindo desse modo para acentuar um dos aspectos da literariedade das cartas. A oposição entre *litterae curatius scriptae* e aquelas *quae adhuc neglectae iacent*, na carta-prefácio, é bastante elucidativa a este respeito: as cartas agora editadas foram objeto de reescrita e o mesmo sucederá com as mais que, até agora algo negligenciadas, vierem a lume.<sup>12</sup>

Não obstante, a carta de abertura fala num trabalho de seleção de cartas, o que implica que Plínio editou apenas aquelas que mais correspondiam à imagem que queria deixar de si para a posteridade. Paul Jal, perante as palavras dessa carta de abertura, admite que se possa desconfiar da autenticidade das mesmas, ou de que se trate apenas de extratos selecionados para publicação. É exatamente a respeito do que terá ficado por publicar que Jal faz um comentário deveras curioso: “Tel est bien l’esprit humain: c’est précisément ce que nos n’avons pas, ce que l’on a supprimé, censuré, voire corrigé, que nous soupçonnons d’avoir été le plus intéressant ou, du moins, le plus révélateur” (Jal, 1993, p. 214). Note-se que há cartas que referem a recepção ou o envio de cartas que não figuram na seleção. Em boa verdade, nunca saberemos o que Plínio omitiu. Mas uma

---

*ut ita dicam, umbraticas litteras* (9.2.3), à semelhança das de Séneca. A respeito das estilizadas aberturas da generalidade das cartas plinianas *vd.* Sherwin-White (1998, pp. 6–11).

<sup>10</sup> Na verdade, e como escreveu, com muita pertinência, Suárez de la Torre (1987, p. 181), a carta é uma “esponja genérica”, que se adapta a qualquer conteúdo de texto e a qualquer finalidade. São inúmeros os estudos relativos à questão da verdadeira natureza da carta pliniana. Veja-se, entre outros, Munõz Martín (1993), que desenvolve o tema apoiada em ampla bibliografia. Com Plínio, “A carta depressa ultrapassou os limites da mera informação e passou para o domínio literário” (Ramos, 2017, p. 26). Ou, como escreve Citroni (2006, p. 904), “as cartas de Plínio coincidem com o início da epistolografia como género literário.”

<sup>11</sup> É o que se pode ler em Sherwin-White (1998, pp. 3–4), Paolo Cugusi (1983, pp. 210–212) e Pérez Gómez (1997, p. 654). Neste mesmo estudo (*idem*, pp. 654–656) são suscitadas outras questões relativas à seriação e publicação das cartas, que não terão saído em bloco, mas em vários blocos, sendo, neste caso, muito díspares as opiniões dos estudiosos. A fim de se perceber quanto difícil é a datação das cartas, quer quando escritas, quer quando editadas, veja-se, entre outros, Sherwin-White (1998, pp. 20–41) e Murgia (1985, pp. 191–202), que apresenta um estudo extremamente documentado e pormenorizado sobre o assunto.

<sup>12</sup> Lembre-se que Plínio se queixa das inúmeras ocupações que o absorvem e o levam a ter de escrever cartas que nada têm de literário: *scribo plurimas, sed inlitteratissimas litteras* (1.10.9).

leitura atenta permitir-nos-á auscultar o que verdadeiramente quis exprimir ou revelar: “What is meant by this is that we cannot distinguish neatly between the ‘original’, ‘genuine’ *Letters* or bits of *Letters* or aspects of *Letters* in Pliny and ‘edited’, rewritten’, ‘carefully composed’ *Letters*, or bits of *Letters*, etc.” (Henderson, 2003, p. 117).

No seu estudo sobre a carta romana, Hermann Peter (*apud* Sherwin-White, 1998, p. 2) defendeu que os temas das cartas de Plínio têm a sua origem em autênticos *egressus* retóricos como foram elencados pelo seu mestre Quintiliano (*Inst. Orat.* 4.3.12), a saber: *laus hominum locorumque* (elogio de pessoas e locais), *expositio quarundam rerum gestarum uel etiam fabulosarum* (exposição de certos acontecimentos reais ou mesmo fabulosos), *descriptio regionum* (descrição de regiões). Plínio exerceu a sua pena em todos estes *tópoi* literários, apenas com a diferença de que estes tópicos constituem, geralmente, o pretexto e o miolo de cada carta e não digressões ou excursos na precisa aceção retórica do termo *egressus*. É o que ele mesmo afirma na carta adiante citada, a respeito da enumeração minuciosa de estrelas apresentada por Arato e que o próprio Plínio aplicava a si mesmo: *Non enim excursus hic eius, sed opus ipsum est* [Na verdade, no seu caso, não se trata de um excurso, mas sim da própria obra] (5.6.43).

Daqui pode concluir-se que, para Plínio, a carta – um texto por natureza breve – pode alongar-se em extensão, se a matéria assim o exigir. A carta que descreve uma das suas villas, a *villa* da Toscana (5.6), situada no sopé do Apenino, é de longe a mais longa, dado ser sua intenção descrever em pormenor todos os cantos e recantos da mesma, os seus espaços interiores e exteriores, a beleza dos jardins, os espaços adequados aos exercícios físicos, as zonas destinadas ao descanso dos escravos, entre outros. Ao que parece, estamos, nesta carta, perante um claro exercício retórico, pois não é possível, com os dados fornecidos, proceder a qualquer reconstrução.<sup>13</sup> “Pliny is not interested in providing maps to his houses” (Morello, 2003, p.111). A carta é, todavia, digna de nota pelos argumentos literários, clássicos e helenísticos, em que se espalda para justificar a sua extensão. Escreve Plínio, já na parte final da epístola (§§ 42-44):

*In summa — cur enim non aperiam tibi uel iudicium meum uel errorem? — primum ego officium scriptoris existimo, titulum suum legat atque identidem interroget se quid coeperit scribere, (...) Vides quot versibus Homerus, quot Vergilius arma hic Aeneae Achillis ille describat; brevis tamen uterque est quia facit quod instituit. Vides ut Aratus minutissima etiam sidera consectetur et colligat; modum tamen seruat. Non enim excursus hic eius, sed opus ipsum est. Similiter nos ut 'parva magnis', cum totam villam oculis tuis subicere conamur, si nihil inductum et quasi deuium loquimur, non epistula quae describit sed villa quae describitur magna est.*

Em suma – e porque não revelar o meu sentimento ou mesmo o meu erro? – eu considero que o primeiro dever de um escritor é ler o seu título, perguntar-se o que quis dizer (...). Sabes a quantos versos recorreram Homero e Virgílio para descrever, um, as armas de Aquiles, o outro, as de Eneias. E, no entanto, ambos são breves, ambos fazem aquilo que queriam fazer. Sabes como Arato pesquisou e coligiu até os astros mais pequeninos, embora tenha observado a regra da moderação. Na verdade, no seu caso, não se trata de um

<sup>13</sup> A respeito da descrição desta villa da Toscana e de outras villae, como a do Laurentino (2.17), *vd.* Sherwin-White (1998, pp. 321-330), no seu comentário *ad loc.* de grande minúcia.

excurso, mas sim da própria obra. Assim, também eu, comparando coisas pequenas a grandes, ao esforçar-me por apresentar a teus olhos a villa na totalidade, se não disse nada de inútil, se não me afastei do tema, então não é a minha carta que é longa, mas sim a villa descrita, que é grande.

As écfrases de Homero e Virgílio referidas neste passo, e que se desenrolaram por 230 e 105 versos, respetivamente, já então eram clássicas e matéria escolar. Quanto a Arato de Solos, foi um poeta helenístico da Cilícia, na Ásia Menor; frequentou a corte de reis da Macedónia e compôs em verso a obra *Phaenomena*, sobre os astros. Cícero deu a conhecer esta obra mediante a tradução para latim que dela fez, e que Plínio por certo conheceu.<sup>14</sup>

Ainda no domínio da extensão das cartas, há vários exemplos de missivas nas quais o remetente requer do correspondente cartas longas. Assim, por exemplo, a carta 4.11 trata longamente da condenação à morte da vestal Cornélia, acusada de não ter mantido os seus votos de castidade, sendo o crime atribuído a um senador, grande advogado e orador. Depois de tratar este assunto longamente, e sem que nada o fizesse prever, Plínio termina exigindo do destinatário que lhe responda a estas notícias também com uma carta longa, na qual lhe dê notícias da sua terra e dos arredores (§16):

*Mereor ut vicissim, quid in oppido tuo, quid in finitimis agatur – ssolent enim quaedam notabilia incidere – perscribas, denique quidquid voles dum modo non minus longa epistula nuntia. Ego non paginas tantum sed versus etiam syllabasque numerabo. Vale.*

Eu mereço que, em contrapartida, me escrevas em pormenor o que se passa na tua terra e o que se passa nos arredores – pois é habitual acontecerem alguns factos dignos de nota –, e conta-me ainda o que quiseres, desde que o faças numa carta tão longa quanto a minha. Eu contarei não apenas as páginas, mas também as linhas e as sílabas. Adeus.

### 3. A carta de amizade

Plínio prezava acima de tudo a amizade e o intercâmbio entre amigos. Além de reclamar do amigo cartas longas, como vimos, queixava-se com frequência de não receber correspondência, de tal modo que chega a querer que os amigos o façam mesmo quando nada há para dizer, noticiar ou comentar, na esteira do que já Cícero fizera.<sup>15</sup> Na carta 1.11, perante a falta de notícias do amigo Fabius Iunius, uma situação que o deixa

<sup>14</sup> Sobre este poeta helenístico e a sua obra de conteúdo astronómico, *vd.* Lesky (1995, pp. 789–791). Segundo A. C. Ramalho, conservaram-se “setecentos e trinta e dois versos gregos do poema de Arato, composto em Alexandria à roda de 275 a.C. De Cícero chegaram até nós quatrocentos e sessenta e nove versos em dois manuscritos, um do 9º e outro do 10º século da era cristã” (Ramalho, 1974, p. 11). No *De natura deorum* (2.104–114) figuram vários fragmentos da tradução de Cícero, citados por Balbo, uma das personagens do diálogo.

<sup>15</sup> Refira-se, a título de exemplo, o início da brevíssima carta de Cícero: *Ego, etsi nihil habeo quod ad te scribam, scribo tamen quia tecum loqui uideor* (Att. 12.53) [Embora nada tenha para te escrever, mesmo assim escrevo, porque acho que estou a falar contigo]. Ou esta outra (Att.1.12): *Tu uelim saepe ad nos scribas. Si rem nullam habebis, quod in buccam uenerit, scribito* [Gostaria que me escrevesse amiúde. Se não tiveres qualquer assunto, deverás escrever o que te vier à cabeça]. Vejam-se estas e muitas outras frases deste teor em Muñoz Martin (1985, pp.116–118).

preocupado, admite mesmo que este lhe escreva a dizer que não tem nada para escrever ou ao menos a perguntar se o amigo está bem:

*Olim mihi nullas epistulas mittis. Nihil est, inquis, quod scribam. At hoc ipsum scribe, nihil esse quod scribas, vel solum illud unde incipere priores solebant: 'Si vales, bene est; ego valeo.' Hoc mihi sufficit; est enim maximum. Ludere me putas? serio peto. Fac sciam quid agas, quod sine sollicitudine summa nescire non possum. Vale.*

Há muito que não me escreves. E dizes: ‘Nada tenho para escrever’. Mas escreve isto mesmo, que não tens nada para escrever, ou então escreve apenas as famosas palavras com que os antigos começavam as suas cartas: “Se estás bem de saúde, ótimo; eu estou bem.” Isto me basta, pois é muito bom. Achas que estou a brincar? O que te peço é a sério. Dá-me notícias sobre como estás, porque não consigo, sem uma enorme preocupação, estar sem notícias. Adeus.

Certos temas cruzam-se numa mesma carta, nomeadamente o da amizade e o do gosto pelos *studia*. Um exemplo é o da carta-bilhete a Calpúrnio Macro (ep. 5.18):

*Bene est mihi quia tibi bene est. Habes uxorem tecum, habes filium; frueris mari, fontibus, uiridibus, agro, uilla amoenissima. Neque enim dubito esse amoenissimam, in qua se composuerit homo felicior, ante quam felicissimus fieret. Ego in Tuscis et uenor et studeo, quae interdum alternis, interdum simul facio; nec tamen adhuc possum pronuntiare, utrum sit difficilius capere aliquid an scribere. Vale.*

Eu estou bem porque tu estás bem. Tens a companhia da tua mulher, tens a companhia do teu filho, usufruis do mar, das fontes, de espaços verdes, do campo, de uma villa agradabilíssima, e não tenho dúvidas de que é agradabilíssima a villa para onde se retirou um homem bastante feliz antes de alcançar o máximo de felicidade. Quanto a mim, na villa da Toscana, dedico-me à caça e ao estudo, atividades que faço ora alternadamente, ora em simultâneo. E a verdade é que ainda não consigo decidir o que é mais difícil: se caçar, se escrever. Adeus.

Que Plínio levava consigo, sempre, as tabuinhas e o estilo, quando ia caçar, é sobejamente conhecido. A carta 1.6, a Tácito, além de bem-humorada, conta como, sem abandonar o estilo e as tabuinhas, caçou três javalis:

*Ridebis, et licet rideas. Ego, ille quem nosti, apros tres et quidem pulcherrimos cepi. 'Ipse?' inquis. Ipse; non tamen ut omnino ab inertia mea et quiete discederem. Ad retia sedebam; erat in proximo non venabulum aut lancea, sed stilus et pugillares; meditabar aliquid enotabamque, ut si manus vacuas, plenas tamen ceras reportarem.*

Vais-te rir e bem podes rir-te. Eu, o tipo que tu conheces, cacei três javalis e belíssimos! “Tu?”, perguntas. Eu próprio, embora sem me desviar um pouco da minha indolência e sossego. Estava junto às redes; nas proximidades não havia dardo nem lança, mas um estilo e tabuinhas; meditava um pouco e tomava notas: é que, se voltasse de mãos vazias, ao menos traria as tabuinhas cheias.

A carta é um pouco mais longa, mas este extrato mostra bem como Plínio gosta de valorizar o que escreve com o recurso, frequentíssimo, ao paralelismo sintático e ao quiasmo, uma das figuras estilísticas que mais preza. A arte literária está sempre na mente de Plínio. Por isso, perante cartas deste teor, houve até quem, referindo-se a muitas destas cartas, falasse da “arte de não dizer nada” (Morello, 2003, p. 187), dada a futilidade ou ausência de conteúdo de algumas delas. É o caso exemplar da brevíssima epístola 9.8, dirigida a Augurinus, um literato amigo de Plínio, que se resume a um claro jogo quiástico das palavras, a sugerir a troca de elogios:

*Si laudatus a te laudare te coepero, vereor ne non tam proferre iudicium meum quam referre gratiam videar. Sed licet videar, omnia scripta tua pulcherrima existimo, maxime tamen illa de nobis. Accidit hoc una eademque de causa. Nam et tu, quae de amicis, optime scribis, et ego, quae de me, ut optima lego. Vale.*

Se eu, objeto dos teus elogios, me ponho a elogiar-te, temo parecer que não exprimo a minha opinião, mas sim que estou a agradecer os teus. Mas mesmo que assim pareça, considero os teus textos muito belos, muito especialmente os que compuseste a meu respeito. Isto acontece por uma única e mesma razão. Na verdade, o que escreves a respeito dos teus amigos, escreves muito bem; e eu, que leio o que escreves a meu respeito, considero-o muito bom. Adeus.

Cabe perguntar qual o intuito de uma carta como esta. Elogiar o amigo, sem dúvida, e retribuir na mesma moeda. São assim muitas cartas de Plínio, que não passam da uma troca de bilhetes entre amigos. São as chamadas ‘cartas de amizade’<sup>16</sup>, um encontro entre amigos por meio da escrita epistolar.

Veja-se a seguinte carta (9.32), brevíssima, ao amigo Ticiano:

*Quid agis, quid acturus es? Ipse vitam iucundissimam — id est, otiosissimam — vivo. Quo fit, ut scribere longiores epistulas nolim, velim legere, illud tamquam delicatus, hoc tamquam otiosus. Nihil est enim aut pigrius delicatis aut curiosius otiosis. Vale.*

Como estás? Que tencionas fazer? Quanto a mim, passo uma vida agradabilíssima, isto é, ociosíssima. O que faz com que não me apeteça escrever cartas demasiado longas, mas gostaria de as ler, no primeiro caso como pessoa dada ao prazer, no segundo como pessoa dada ao lazer. De facto, não há maior preguiça do que a dos que se entregam ao prazer, nem maior curiosidade do que a dos que se entregam ao lazer. Adeus.

Tal como a anterior, esta carta de amizade não passa de um mero jogo de palavras, apenas para saudar o amigo. Na carta 4.18, a Árrio Antonino, felicita o amigo pela qualidade dos versos gregos que compôs, acrescentando que tentou traduzi-los para latim, mas sem êxito. Menorizando-se, era mais uma forma de valorizar o talento do amigo.

---

<sup>16</sup> Sobre o conceito de carta de amizade como conversação entre amigos ausentes – conceito que vem já de teóricos gregos, como Demétrio (cap. IV de *Sobre el estilo*, §§, 223–227), vd. Muñoz Martín (1985, pp. 37–43), e, relativamente a Cícero (*idem*, pp. 72–75); sobre a epistolografia de Plínio (*idem*, pp. 92–98).

Por vezes, no entanto, Plínio preocupava-se com o interesse do conteúdo das suas cartas. Muitas delas ocupam-se de casos relativos a sessões do Senado, e de acusações e defesas em tribunal. Em carta dirigida a Mesius Maximus (3.20), o escritor aborda a questão dos novos processos de eleição de magistrados para o Senado por escrutínio secreto – a fim de evitar a gritaria e a confusão dos apoiantes de cada uma das propostas quando a votação era feita por deslocação para a direita ou para a esquerda da sala. E justifica o tema tratado na carta dizendo que pretende evitar *illa uulgaria* (essas banalidades) do tipo (§11): “Como vais? A saúde vai bem?” *Et hercule quousque illa uulgaria “quid agis? Ecquid commode vales?”* E acrescenta: É importante que as nossas cartas abordem assuntos que não sejam nem baixos, nem humildes, nem limitados às nossas questões pessoais: *Habeant nostrae quoque litterae aliquid non humile nec sordidum nec priuatis rebus inclusum*.

Ao fazer este comentário, Plínio pensava nos tempos de Cícero, dominados pelas disputas políticas e ambições pessoais, ao contrário do seu próprio tempo, em que tudo estava nas mãos de um só homem, o imperador: *cuncta sub unius arbitrio* (3.20.12).

#### 4. A dedicação aos *studia* e o desejo de glória

Uma grande paixão de Plínio é a dedicação aos *studia*, isto é, ao *otium litteratum*.<sup>17</sup> De certo modo, transformou a sua vida em objeto de literatura. Na feliz expressão de P. Vincenzo Cova (1998, p. 1025), transformou os *facta* em *dicta*. Ler e escrever era a sua mais absorvente ocupação, mesmo quando se encontrava numa das suas propriedades rústicas e outros afazeres reclamavam a sua atenção.<sup>18</sup> Uma elevada percentagem das suas cartas dá notícias sobre a sua atividade literária: a poesia que cultivou (hendecassílabos e epigramas), ou os discursos que proferiu no Senado ou nos tribunais (e de que só o discurso panegírico de Trajano sobreviveu); outras incidem sobre o elogio de grandes figuras ligadas às letras (como Tácito, Suetónio, Marcial, Sílio Itálico)<sup>19</sup> ou revelam o modo efusivo como saúda o aparecimento de jovens talentos, que ele mesmo incentiva e patrocina. Apaixonado pelos *studia*, Plínio exortava muitos jovens a que se dedicassem ao *otium litteratum* e, longe de invejar os novos talentos, tecia-lhes os mais largos elogios, quer por escrito, quer em público. Ele mesmo confessava, em carta a Restituto (6.17.5), a dificuldade do trabalho das letras:

<sup>17</sup> Exemplo máximo dessa paixão foi ter ficado em casa a ler Tito Lívio e a tomar notas, quando o Vesúvio entrou em erupção, em vez de acompanhar o tio, Plínio-o-Velho, a saber o que estava a ocorrer. *Vd.* a carta 6.20.

<sup>18</sup> *Vd.* a carta 7.30, onde, falando dos seus múltiplos afazeres quando se encontra numa das suas propriedades, afirma a dado momento (§4): *Quibus ex causis, precario studio, studio tamen. Nam et scribo aliquid et lego* [Por todas estas razões, só por acaso trabalho, mas mesmo assim trabalho, pois escrevo e leio algo].

<sup>19</sup> Quatro cartas de Plínio-o-Moço são a única fonte para o conhecimento da vida, morte e obra do seu tio, Plínio-o-Velho. Uma outra carta é também, praticamente, a única fonte sobre o poeta Sílio Itálico. O mesmo acontece com uma carta sobre Frontino, a quem Plínio sucedeu no cargo de áugure, e que, como Plínio, foi *curator aquarum*, tendo, nessa circunstância, escrito dois livros sobre *De aquae ductu urbis Romae*, que chegou até nós. A amizade e o desejo de emulação com o amigo Tácito, o maior historiador romano e porventura o seu maior amigo, é objeto de onze cartas de Plínio.

*Equidem omnis qui aliquid in studiis faciunt uenerari etiam mirarique soleo. Est enim res difficilis, ardua, fastidiosa, et quae eos a quibus contemnitur in uicem contemnat.*

Pela minha parte, tenho o hábito de testemunhar estima e admiração a quantos trabalham nas letras, por se tratar de um trabalho particularmente ingrato, penoso, desencorajador, e que paga com desdém a quem com desdém os trata.

É muito frequente que considerações relativas à arte de escrever vão pontuando algumas das cartas. Um exemplo deveras interessante é o da carta 9.2, dirigida ao amigo Sabino, um militar, que lhe solicita cartas frequentes e longas, à maneira de Cícero. E Plínio, a quem muito agrada o pedido, justifica o seu silêncio por não querer ocupar o amigo com cartas que não passariam de exercícios escolares (9.2.3-4):

*(...), nisi forte volumus scholasticas tibi atque, ut ita dicam, umbraticas litteras mittere. Sed nihil minus aptum arbitramur, cum arma vestra cum castra, cum denique cornua tubas sudorem pulverem soles cogitamus.*

(...), a menos que eu queira enviar-te exercícios escolares, ou, por assim dizer, trabalhos de escola. Ora, penso que nada é menos adequado, quando medito nas tuas armas e actividades castrenses, enfim, quando penso nas tuas cornetas ou nas trombetas, cheio do suor, coberto de pó e exposto ao sol.

Esta parte da carta apresenta um forte contraste, claramente retórico, entre exercícios de estilo feitos no silêncio e ao abrigo das paredes da escola e os exercícios militares que decorrem ao ar livre, levantando pó e ao sol: *scholasticas (...)* *atque (...)* *umbraticas litteras [...]*, em contraste com *cornua tubas sudorem puluerem soles [...]*.

O mesmo contraste está bem patente na carta 9.25, dirigida a Pomponius Mamilianus, um homem ligado ao às ocupações castrenses, que, no entanto, insiste em solicitar de Plínio que lhe envie algumas das suas produções literárias. Desculpando-se de não querer ocupar o tempo desse homem de armas, Plínio acede a enviar-lhe algumas composições breves, mas com uma advertência:

*Tu passerculis et columbulis nostris inter aquilas vestras dabis pennas, si tamen et tibi placebunt; si tantum sibi, continendos cavea nidove curabis. Vale.*

Tu deixarás voar, entre as tuas águias, os meus passarinhos e pombinhos, se também forem do teu agrado; mas se forem apenas do agrado deles mesmos, tem cuidado e mantém-nos guardados na sua gaiola ou no seu ninho. Adeus.

Esta carta ilustra bem algumas das características da carta pliniana: é dirigida a um destinatário, um militar, do qual pouco conhecemos, mas que Plínio considera *uir eruditissimum, grauissimum ac super ista uerissimum* [Um varão da maior erudição, de extraordinária integridade e, acima de tudo, honestíssimo]; Plínio decidiu-se a enviar-lhe pequenos poemas – a que se refere, modestamente, como diversões e bagatelas (*lusus et ineptias nostras*) –, que em seu entender não serão mais do que *passerculi et columbuli*,

se comparados com a águia do militar (*aquilae uestrae*), pois tem plena consciência da distância que vai da atividade de um à do outro, e põe na mão do destinatário o destino a dar aos seus versos: ou deixá-los voar ou mantê-los na gaiola.

Como se compreende, tudo isto é estratégia retórica. O que Plínio pretende é falar do eco que a sua produção poética vai tendo junto do público leitor.<sup>20</sup>

Numa outra carta (1.8, dirigida ao historiador e poeta Pompeius Saturninus, que reclama com insistência, de Plínio, uma das suas obras), este decide enviar ao amigo, para revisão, o discurso que fez em Como, sua terra natal, por ocasião da doação de uma biblioteca à cidade, porquanto quer saber se o discurso merece ser publicado ou não. Plínio justifica, com algum orgulho, a oferta de uma dotação anual para a manutenção da biblioteca, acrescentando que não se trata de dotação para oferecer jogos circenses ou combates de gladiadores – pois não apreciava tais jogos, como diz numa outra carta<sup>21</sup> –, mas sim para o sustento de crianças livres.<sup>22</sup> Todavia, sempre atento à opinião pública, Plínio receia que esta generosidade e liberalidade, por serem dadas a conhecer através da publicação do discurso, não sejam por todos compreendidas, pois poderiam considerar que o doador pensaria mais na sua pequena glória futura do que no interesse do caso.<sup>23</sup>

Em boa verdade, muitas cartas de Plínio pretendem contribuir para um juízo favorável por parte dos vindouros. Como confessa, nada lhe toca mais do que o amor e o desejo de perenidade (5.8.29): *Me autem nihil aequae ac diuturnitatis amor et cupiditas sollicitat*. E a carta 9.14, ao seu grande amigo Tácito, é bem reveladora da atenção que Plínio sempre prestava ao *iudicium posteritatis*:

*Posteris an aliqua cura nostri, nescio; nos certe meremur, ut sit aliqua, non dico ingenio (id enim superbum), sed studio et labore et reuerentia posterorum. Pergamus modo itinere instituto, quod ut paucos in lucem famamque provexit, ita multos e tenebris et silentio protulit. Vale.*

Se os pósteros terão por nós consideração, não sei; que lha merecemos, é bem certo; não direi pelo nosso talento (seria presunção), mas pela nossa aplicação, pelo nosso labor, e pelo respeito dos vindouros. Continuemos, ao menos, no caminho encetado, caminho esse

<sup>20</sup> Numa outra carta (9.11), Plínio regozija-se com saber que as suas obras são lidas em Lyon, na Gália: *Bibliopolas Lugduni esse non putabam ac tanto libentius ex litteris tuis cognovi venditari libellos meos, quibus peregre manere gratiam quam in urbe collegerint delector* [Eu não fazia ideia de que havia livreiros em Lyon e foi com muito agrado que fiquei a saber, pela tua carta, que lá eram vendidos livrinhos meus, e por isso fico deveras entusiasmado ao saber que colhem no estrangeiro o favor que têm em Roma].

<sup>21</sup> *Circenses erant, quo genere spectacula ne leuissime quidem teneor* (9.6) [Havia jogos circenses, um tipo de espectáculos que nem sequer aprecio minimamente]. Em rigor, Plínio não apreciava qualquer género de jogos. Preferia ocupar o tempo livre *inter pugillares ac libellos*, como afirma numa divertida carta a Tácito (1.6) na qual descreve uma caçada: meditando e escrevendo, caçou três javalis! E conclui, com a sua característica *pointe* final, que, tal como Diana, Minerva também habita as montanhas...

<sup>22</sup> *Accedebat his causis, quod non ludos aut gladiatores sed annuos sumptus in alimenta ingenuorum pollicebamur* (1.8.10) [A estas razões acrescia o facto de que eu oferecia, não jogos nem espectáculos de gladiadores, mas sim verbas anuais para assegurar a alimentação de crianças de nascimento livre].

<sup>23</sup> Como afirma no § 15 desta carta (1.8): *Id vero, qui benefacta sua verbis adornant, non ideo praedicare quia fecerint, sed ut praedicarent fecisse creduntur* [Pelo contrário, aqueles que, com belas palavras, exaltam o que fizeram de bem, permitem que se pense que são louvados não pelo que fizeram, mas sim que o fizeram para serem louvados].

que, tal como levou uns tantos à ribalta e à imortalidade, assim também retirou a muitos da obscuridade e do esquecimento. Adeus.

Em 7.33.1-3, pede a Tácito que o refira nas suas obras históricas: *Auguror nec me fallit augurium, historias tuas immortales futuras, quo magis illis – ingenue fatebor – inseri cupio* [Tenho o pressentimento – e esse pressentimento não me engana – de que as tuas Histórias hão-de ser imortais. É por isso que, confessá-lo-ei sem reboços, desejo ter nelas um lugar]. Assim começa a carta na qual, depois de narrar como se desenrolou uma sessão no Senado na qual Plínio interveio para defender uma vítima de um delator – assunto para o historiador inserir nas suas *Historiae*, conferindo-lhe o prestígio do seu talento –, conclui afirmando não pretender que o amigo falseie a verdade histórica exagerando os factos ocorridos (7.33.10):

*Haec, utcumque se habent, notiora clariora maiora tu facies; quamquam non exigo ut excedas actae rei modum. Nam nec historia debet egredi ueritatem, et honeste factis ueritas sufficit. Vale.*<sup>24</sup>

Estes factos, tal como são, através de ti tornar-se-ão mais conhecidos, mais gloriosos e mais belos, ainda que eu não peça que exageres no modo de actuação. De facto, nem a história deve sair dos limites da verdade e a verdade basta às acções realizadas com nobreza. Adeus.

A relação entre Tácito e Plínio ilustra uma amizade sem mancha, ao que parece, entre duas figuras de maior prestígio no seu tempo, literária e socialmente falando. Nas palavras do próprio escritor de Como (7.20.3), eles eram *duos homines aetate, dignitate propemodum aequales* [duas figuras por assim dizer iguais em idade e dignidade]. No entanto, só Plínio fala (com admiração) do amigo, que é contemplado, no epistolário pliniano, com um conjunto de onze cartas.

Mas de todas as cartas trocadas entre ambos, a mais importante, do ponto de vista da glória almejada e do autoelogio, é, sem dúvida a carta a Máximo (9.23.5-6), na qual exprime abertamente o júbilo que sentiu ao saber, da boca do próprio Tácito, que um cavaleiro romano o confundira com Plínio, ao perguntar-lhe: *Tacitus es an Plinius?* Nesta carta, confessa colher dos seus trabalhos literários muitas alegrias em resultado da glória que lhe conferem, como quando foi comparado a Tácito. E conclui (9.23.6):

*(...) ego celebritate nominis mei gaudere non debeo? Ego uero et gaudeo et gaudere me dico. Neque enim uereor ne iactantior uidear, cum de me aliorum iudicium, non meum profero, praesertim apud te, qui nec ullius inuides laudibus et faues nostris. Vale.*

(...) então eu não hei-de regozijar-me com a reputação do meu nome? Por mim, regozijo-me e declaro que me regozijo. De resto, não receio parecer vaidoso ao referir a meu respeito o juízo dos outros, e não o meu próprio, para mais perante ti, que não tens inveja da glória dos outros e favoreces a minha. Adeus.

<sup>24</sup> O facto de manter no final a indicação de *Vale* serve para sublinhar que, muito ao estilo de Plínio, a carta termina com uma espécie de reflexão moral.

## 5. *Laus hominum locorumque*

Um dos tópicos dos exercícios retóricos era, como foi dito, o elogio de figuras e locais. Muitas cartas de Plínio têm como objectivo primordial elogiar figuras extraordinárias de escritores, de jovens talentosos no domínio das letras, de filósofos. A sua alma bondosa sente uma enorme alegria em dizer bem dos outros, ainda vivos ou já falecidos. Gosta de tecer elogios e de ser alvo desses elogios, como vimos na carta 9.8 a Augurino.

Do seu vasto conjunto de encómios, merecem especial relevo algumas cartas que têm como desígnio apresentar diante do leitor vidas extraordinárias de coragem e de resiliência perante as adversidades da vida. Fala tanto de homens como de mulheres, dignos de serem conhecidos e admirados. A carta 3.16 é um exemplo notável, por conferir evidência a actos corajosos de mulheres:

*Adnotasse videor facta dictaque virorum feminarumque alia clariora esse alia maiora. Confirmata est opinio mea hesterno Fanniae sermone. Neptis haec Arriae illius, quae marito et solacium mortis et exemplum fuit. Multa referebat aviae suae non minora hoc sed obscuriora; quae tibi existimo tam mirabilia legenti fore, quam mihi audienti fuerunt. (...) Vnde colligitur quod initio dixi: alia clariora, alia maiora.*

Já anotei, parece-me, que as ações e as palavras dos homens e das mulheres são, umas, mais conhecidas, outras, bem maiores. Confirmou-me nesta opinião a conversa de ontem com Fânia. É a neta dessa célebre Árria, que, junto do marido, na sua morte, foi exemplo de coragem e consolo. Fânia contou-me me sobre a sua avó muitos traços tão importantes quanto este, embora menos conhecidos / divulgados. E penso que, ao lê-los, os acharás tão admiráveis quanto foram para mim, ao ouvi-los. (...) Donde se conclui aquilo que comecei por dizer: que <estes atos> são, uns mais conhecidos, outros bem maiores.

Os exemplos de dedicação extrema e de coragem de que Árria deu provas – ao ocultar do marido, doente, a morte do seu filho, e ao mostrar-lhe que o suicídio não custava nada, ao mesmo tempo que, suicidando-se com a espada que lhe entregou, lhe dizia: *Paetus, non dolet* [Peto, não dói] –, tornaram-se conhecidos através desta carta de Plínio.<sup>25</sup> Note-se, e importa sublinhar o facto, que em várias cartas Plínio dá exemplos de coragem feminina, comentando, já então, que os atos semelhantes dos homens são sobejamente conhecidos, muito mais do que os das mulheres, que são igualmente dignos de ser conhecidos e admirados.<sup>26</sup>

Quanto às *laudes locorum*, revelam o gosto de Plínio por descrições de espaços naturais e aprazíveis e constitui-se como um outro tópico das suas cartas, de que são de salientar as que descrevem as ilhas flutuantes no lago *Vadimonium* (8.20), apresentadas

<sup>25</sup> Marcial dedicou ao tema o epigrama 1.13.

<sup>26</sup> *Vd.* a carta 7.19, sobre a coragem de Fânia, mulher de Helvidius, que acompanhou o marido no exílio e que foi igualmente vítima de perseguição política. Sabemos pela carta 9.13 que Plínio defendeu Helvidius em tribunal. *Vd.* também a carta 6.24, a respeito de uma mulher que incitou o marido, com uma doença maligna, a suicidar-se, fazendo ela o mesmo. O caso ocorreu no lago de Como e Plínio, que só recentemente dele tinha tido conhecimento, narrou-o, comentando que um tal gesto não era inferior ao de Árria, mas “essa mulher era de origem mais humilde”: *Quod factum ne mihi quidem, qui municeps, nisi proxime auditum est, non quia minus illo clarissimo Arriae facto, sed quia minor ipsa. Vale.*

com pormenor ao amigo Gallus, que, tal como Plínio, era amante dos fenómenos da natureza; a carta ao amigo Romanus (8.8), na qual lhe descreve a beleza da nascente, digna de visita, do rio Clitumno, afluente do Tibre, bem como o deus deste rio e os seus oráculos, e ainda as inscrições gravadas nas colunas e nas paredes por inúmeros crentes. Refira-se igualmente a carta 4.30, dirigida ao amigo Licínio Sura, grande general de Trajano, e interessado em *mirabilia*, interrogando-o sobre as possíveis explicações para um fenómeno natural, o da nascente que, descendo do alto da montanha, vem ter ao lago Larius e que, lá no alto, sobe e desce três vezes ao dia, em função da subida e descida das marés.<sup>27</sup>

A par destas descrições que pretendem sugerir passeios ou visitas de interesse cultural, ocorre também o gosto por narrativas e historietas suscetíveis de atrair o interesse e a curiosidade do leitor, como, na carta 7.27, dirigida ao mesmo Sura, a história da casa assombrada, em Atenas, na qual viveu o filósofo Atenodoro. Plínio quer saber se existem fastasmas ou se são criação do espírito humano, movido pelo medo:

*Et mihi discendi et tibi docendi facultatem otium praebet. Igitur perquam velim scire, esse phantasmata et habere propriam figuram numenque aliquod putes an inania et vana ex metu nostro imaginem accipere.*

O ócio dá-nos a possibilidade, a mim, de aprender, e a ti, de ensinar. Por isso desejaria muito saber se consideras que os fantasmas existem e se têm figura própria ou alguma essência transcendente, ou se, sendo inconsistentes e destituídos de corpo, a dita figura é fruto do nosso medo.

Mas sobressai, neste tópico, a celeberrima história do golfinho de Hipona (9.33), narrada em carta ao conterrâneo Canínio Rufo. A história narra o aparecimento, numa povoação costeira próxima da colónia de Hipona, de um golfinho que durante dias brincou com uma criança, levando-a no dorso para longe e voltando a trazê-la para junto dos companheiros, também crianças. A ocorrência, que se repetiu inúmeras vezes, deixou as gentes da colónia fascinadas com o espetáculo.<sup>28</sup> De acordo com as palavras de abertura da carta, Plínio propôs esta história ao amigo como tema para um trabalho poético: *Incidi in materiam ueram sed simillimam fictae, dignamque isto laetissimo, altissimo planeque poetico ingenio* [Tive conhecimento, ocasionalmente, de um assunto verídico, mas semelhante a uma ficção e digno do teu fecundíssimo talento, excelente e muito poético].

---

<sup>27</sup> Devido à descrição feita do fenómeno, esta nascente é hoje conhecida como “Nascente de Plínio”. Sobre Licinius Sura, “the right-hand men of Trajan until his death in c. 110”, “member of the Spanish group that supported Trajan, in whose elevation he played a great part”, bem como a curiosidade de Sura por *mirabilia*, *vd.* Sherwin-White (1998, pp. 309–311) e Radice (1962, pp. 162–163).

<sup>28</sup> Esta história, encontramos-la relatada em Plínio-o-Velho (*H.N.* 9.8.2-4 e 36.24.20) e será retomada por Cláudio Eliano, naturalista do tempo de Adriano, na sua *História dos animais* (12.45) e por Aulo Gélio (*N.A.* 6.8). Sobre esta matéria, proponho a leitura de um excelente artigo da autoria de Luísa da Nazaré Ferreira (2010), que aqui deixo assinalado como justa homenagem a uma grande classicista, de grande sensibilidade, que nos deixou antes do tempo. *Vd.* também Guerreiro (2013). Os dados acima referidos procedem destas duas obras aqui referidas.

E no final da mesma carta (9.33.11) recomenda que o amigo não invente ou acrescente nada à história; basta não tirar nada à verdade.

## 6. Plínio e os cristãos

No geral, muitas cartas de Plínio apresentam um grande valor documental, como se sabe. Lembre-se que certos factos e certas obras históricas e literárias, incluindo do próprio, são hoje conhecidos graças ao epistológrafo. Refiram-se em especial duas delas, dirigidas ao historiador Tácito (6.16 e 6.20), que nos fornecem o único relato da erupção do Vesúvio, que em 79 d.C. tirou a vida ao tio materno, Plínio-o-Velho, o conhecido autor da obra enciclopédica *Naturalis Historia*. Uma outra carta (3.5) traz informações preciosas sobre as inúmeras obras do tio naturalista, que não sobreviveram ao tempo, e sobre a forma como todo o seu tempo era integralmente dedicado ao estudo.

Ao longo deste estudo estiveram em foco as cartas privadas de Plínio, que constituíram o principal objetivo do trabalho. Daí que nestas considerações não tenham entrado as cartas da Bitínia-Ponto, trocadas entre o imperador Trajano e Plínio como procônsul da província, e reunidas no Livro X. Justifica-se, todavia, que se refiram duas dessas cartas, que são particularmente relevantes do ponto de vista histórico-documental e dizem respeito aos cristãos.

Plínio fora enviado à província da Bitínia-Ponto na qualidade de procônsul e representante do Imperador, tendo desempenhado esse cargo entre os anos 111 e 113, de acordo com os dados que se conhecem. Por estes tempos ocorriam, naquelas paragens, perturbações da ordem pública, muitas delas com origem em movimentos de cristãos, e foi com o intuito de repor a ordem nessas terras que Trajano enviou para lá um homem da sua maior confiança, e jurista insigne, o seu amigo pessoal, Plínio.<sup>29</sup>

As cartas então trocadas são ‘verdadeiras’, autênticas, na medida em que tratam questões de administração pública, digamos assim, que vão da aplicação da justiça à realização de obras públicas, ao tratamento a dar aos cristãos, à organização das forças de bombeiros, entre outros assuntos. Constituem um notável documento histórico e têm o interesse de mostrar como funcionava a administração de províncias mais longínquas, distantes da capital do império. Entre estas encontra-se porventura a mais famosa, a carta que regista a primeira notícia, por parte de um autor pagão, relativa à emergência de uma nova seita (a dos seguidores de Cristo) e aos problemas que os seus fiéis causavam. No exercício do seu cargo, e tendo de enfrentar estes problemas de agitação social, Plínio dirige a Trajano uma famosa carta (10.96) na qual pretende auscultar a opinião do imperador perante aquilo que considera tratar-se de uma *superstitio prava et immodica*, agravada pela *pertinacia*, à semelhança do que consideravam Trajano e o historiador e

---

<sup>29</sup> Mas depois de 113 d.C. – data do termo das suas funções – cessou a correspondência entre os dois e cessaram quaisquer notícias, pelo que ainda hoje se discute a verdadeira data da morte de Plínio. *Vd.* Durry (1972, p. vii), e Levick (1979, p. 112). Carcopino (1963, p. 196, p. 199 e *passim*) defende que a vida de Plínio se prolongou por mais algum tempo, o que lhe terá permitido publicar os dez livros da sua correspondência e o *Panegírico de Trajano*.

amigo Tácito.<sup>30</sup> Tentando perceber um movimento que atraía homens e mulheres, novos e velhos, ricos e pobres, gente de todas as classes, Plínio afirma:

*Adfirmabant autem hanc fuisse summam uel culpae suae uel erroris, quod essent soliti stato die ante lucem conuenire, carmenque Christo quasi deo dicere, secum inuicem seque sacramento non in scelus aliquod obstringere, sed ne furta, ne latrocinia ne adulteria committerent, ne fidem fallerent, ne depositum adpellati abnegarent.*

Diziam aliás, que por junto, tanto a sua culpa como o seu desvio tinha sido isto: terem o costume de, ao alvorecer, antes do nascer do sol, se reunirem, entoarem hinos a Cristo, como se fosse um deus; comprometerem-se sob juramento uns com os outros a não cometerem qualquer crime, a não praticarem nem roubos nem assaltos nem adultérios, não defraudarem a confiança e não negarem o depósito confiado logo que solicitados.<sup>31</sup>

Plínio interrogava-se de que eram acusados aqueles homens e mulheres, cujos atos não considerava perigosos, e decidiu condenar apenas aqueles que se negavam a venerar os deuses pagãos; quanto ao mais, considerava que se tratava de uma seita seguidora de uma superstição louca e desmesurada. Via que a situação se agravava, que os adeptos da seita eram em número cada vez maior, alastrando a gente de todas as idades e de ambos os sexos, não já apenas nas cidades, mas também nos campos, e interrogava o imperador sobre como atuar. Tentava obter uma resposta que lhe permitisse não condenar a pena capital um número muito elevado de homens, mulheres e crianças apenas por se confessarem cristãos, embora soubesse que a lei era clara e fora decretada pelo Senado nos tempos de Tibério: *Non licet esse Christianos*. Trajano, numa resposta também célebre (na carta 97), respondia: *Conquirendi non sunt* [Não devem ser perseguidos], devendo ser condenados apenas os que se negarem a respeitar os deuses pagãos, pois essa atitude punha em causa a *pax deorum*, o mesmo é dizer, a estabilidade imperial. Esta resposta, na sua dúplice orientação, acabava por funcionar como respaldo ao pensamento de Plínio, permitindo-lhe mitigar um pouco ou mesmo evitar a aplicação da lei.

## 7. Conclusão

A concluir este artigo, fica a sensação de que muito ficou por comentar. De facto, o conjunto epistolar de Plínio é um autêntico caleidoscópio de questões, interesses e preocupações por parte do escritor. As suas cartas estão semeadas, se assim se pode dizer, de comentários pessoais, de máximas, de reflexões de índole moral, de considerações sobre a vida política, de pensamentos sobre a vida e sobre a morte, bem como de meditações sobre a imortalidade conferida pelas letras, que subtraem o homem “all’anonimo trascorrere delle generazioni”.<sup>32</sup> Apesar de ter sido considerado um escritor

---

<sup>30</sup> Tácito refere a perseguição aos cristãos (*Ann.* 15.44) movida por Nero, mas fá-lo anos mais tarde (talvez em 115–116 d.C.). Quanto a Plínio, o seu receio maior seria que os cristãos, que se afastavam dos templos da religião romana e professavam uma religião de salvação, pusessem em causa a estabilidade do Império, dado o carácter subversivo da sua *superstitio*. *Vd.* Nascimento (2002, pp. 275–280), cujo artigo fornece estes dados.

<sup>31</sup> Tradução de Aires Nascimento (2002), p. 288.

<sup>32</sup> Sobre esta vertente do epistolário de Plínio, *vd.* Trisoglio (1971, p. 421).

superficial, uma leitura atenta desse conjunto mostra à evidência as inúmeras qualidades humanas de que deu provas, que suplantam os seus possíveis defeitos, o que fez dele um dos grandes epistológrafos da Antiguidade.

As suas cartas particulares – verdadeiro retrato da sua alma – dão uma imagem de um romano de bem, conhecido pela sua urbanidade, pela sua *liberalitas*, preocupado com as dificuldades e aspirações dos amigos, ajudando jovens promissores ou financiando intelectuais pobres<sup>33</sup>, e desejoso de participar na vida da sua terra natal mediante generosos donativos para a criação de uma biblioteca e de uma escola, e também para uma fundação alimentar (7.18).

Não obstante, e como foi dito, Plínio entregou-se à paixão das letras e transformou a (sua) vida em literatura. Por isso nem sempre é possível distinguir o que há de sincero ou natural, ou afetado, nas poses do epistológrafo de Como. A cada passo dá de si próprio uma imagem de amizade desinteressada, a cada passo se desdobra em elogios desmedidos. Mas com que sinceridade? São as cartas verdadeiras ou serão apenas “demi-vraies”, como escreveu M. Durry (1972, p. VI), que as considerou verdadeiras porque foram enviadas a alguém, mas ‘meio verdadeiras’ porque foram redigidas tendo em vista a sua futura publicação? Em boa verdade, a leitura da correspondência privada de Plínio sempre nos deixa indecisos quanto ao grau de autenticidade das suas afirmações e apreciações.

Em suma, como escreveu Paul Jal (1993, p. 226): “C’est un être complexe que Pline le Jeune, un homme et un écrivain à plusieurs faces.”

## Referências

### Fontes

- Demetrio. (1979). *Sobre el Estilo*. Longino, *Sobre lo Sublime* (Introducción, Traducción y notas de José García López). Editorial Gredos.
- Pline Le Jeune. (1966). *Correspondance* (Traduction du latin et introduction par Yves Hucher. Préface de Marcel Jouhandeau). Union générale d’Édition.
- Pline le Jeune. (1987-92). *Lettres (Livres I-IX)* (3 tomes, texte établi et traduit par Anne-Marie Guillemin). Les Belles Lettres.
- Pline le Jeune. (1972). *Lettres (Livre X). Panégyrique de Trajan* (Texte établi et traduit par Marcel Durry). Les Belles Lettres.

### Estudos

- Antón Martínez, B. (1996). La epistolografía romana: Cicerón, Séneca y Plinio. *Helmántica*, 47(142-143), 105–148.
- Carcopino, J. (1963). *Rencontres de l’histoire et de la littérature romaines*. Flammarion.
- Citroni, M. (Dir.) (2006). *Literatura de Roma Antiga* (M. Miranda & I. Hipólito, Trads.; W. Medeiros, Rev.). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Costa, M. A. (2013). *Cícero e a retórica do exílio: as figuras de repetição* (Dissertação de mestrado, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte).

<sup>33</sup> Como aconteceu com Marcial, poeta hispânico que, cansado da agitação de Roma e desejando voltar à sua terra natal, foi ajudado por Plínio, que lhe pagou a viagem de regresso.

- Cova, P. V. (1998). Plinio il Giovane. In I. Lana, & E. V. Maltese (Dirs.), *Storia della Civiltà letteraria greca e latina* (Vol. II, pp. 1023–29). U.T.E.T.
- Cugusi, P. (1983). *Evoluzione e forme dell' Epistolografia Latina nella Tarda Republica e nei primi due secoli dell' Impero*. Herder.
- Durry, M. (1972). Pline Le Jeune, *Lettres (Livre X). Panégyrique de Trajan* (Texte établi et traduit par Marcel Durry). Les Belles Lettres.
- Ferreira, L. N. (2010). A lenda de Aríon e a influência de Plutarco na arte ocidental. In L. de Nazaré Ferreira, P. Simões Rodrigues & N. Simões Rodrigues (Eds.), *Plutarco e as artes: pintura, cinema e artes decorativas* (pp. 17–68). Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos.
- Gibson, R., & Morello, R. (Eds.) (2003). *Re-Imaging Pliny The Younger* [Special Issue]. *Arethusa*, 36(2).
- Guerreiro, C. (2013). Aríon e o golfinho. Notas sobre a construção de uma lenda, In M. C. Pimentel, & P. F. Alberto (Eds.), *Vir bonus peritissimus aequae. Estudos de homenagem a Arnaldo Espírito Santo* (pp. 85–92). Centro de Estudos Clássicos.
- Henderson, J. (2003). Portrait of the artist as a figure of style [Special Issue]. *Arethusa*, 36(2), 115–125.
- Jal, P. (1993). Pline épistolier, écrivain superficiel? Quelques remarques. *REL*, 71, 212–227.
- Lesky, A. (1995). *História da Literatura Grega* (M. Losa, Trad.). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Levick, B. (1979). Pliny in Bithinia – and what followed. *Greece & Rome*, 26(2), 119–131. <https://doi.org/10.1017/S0017383500026851>
- Montero, S., Bravo, G., & Martínez-Pinna, J. (s.d.), *El Imperio Romano*. Visor Libros.
- Morello, R. (2003). Pliny and the art of saying nothing [Special Issue]. *Arethusa*, 36 (2), 187–209.
- Muñoz Martín, M. (1985). *Teoría epistolar y concepción de la carta en Roma*. Universidad de Granada.
- Muñoz Martín, M. (1993). La forma epistolar en *Plinio El Joven*. In *II Congresso Peninsular de História Antiga* (pp. 111–133). Universidade de Coimbra.
- Murgia, Ch. (1985). Pliny's Letters and the *Dialogus*. *Harvard Studies in Classical Philology*, 89, 171–206.
- Nascimento, A. (2002). *Conquirendi non sunt...*: os primeiros cristãos frente ao poder ou as perplexidades de um governador romano. In A. Nascimento (Coord.), *De Augusto a Adriano. Actas de Colóquio de literatura latina* (pp. 259–288). Euphrosyne.
- Pereira, V. S. (2000). *Plínio-o-Moço*. Editorial Inquérito.
- Pérez Gómez, L. (1997). La epístola en Roma. Siglos II-IV. In C. Codoñer (Ed.), *Historia de la literatura latina* (pp. 653–664). Ediciones Cátedra.
- Radice, B. (1962). A fresh approach to Pliny's letters. *Greece & Rome*, 9(2), 160–168.
- Ramalho, A. C. (1974). Prefácio. In Cícero, *As Catilinárias, Defesa de Murena, Defesa de Árquias e Defesa de Milão* (pp. 9–36). Editorial Viterbo.
- Ramos, M. (2017). Teoria clássica e medieval da composição epistolar: entre epistolografia e retórica. *CEM*, 8, 25–42.
- Sherwin-White, A. N. (1998). *The letters of Pliny. A historical and social commentary* (2<sup>nd</sup> ed.). Clarendon Press.
- Suárez de la Torre. (1987). *Ars Epistolica*. La preceptiva epistolográfica y sus relaciones con la retórica. In G. Morocho (Ed.), *Estudios de drama y retórica en Grécia y Roma* (pp. 177–204). León.
- Trisoglio, Fr. (1971). L'elemento meditativo nell'epistolario di Plinio il Giovane. In *Fons Perennis. Saggi critici di Filologia Classica raccolti in onore del Prof. Vittorio d'Agostino* (pp. 413–444). A cura della Amministrazione della Rivista di studi classici.

[recebido em 3 de fevereiro de 2022 e aceite para publicação em 9 de dezembro de 2022]